

“QUEM É IGUAL, AFINAL?”: UMA PROPOSTA PARA O DIÁLOGO ENTRE LITERATURA INFANTIL E DIVERSIDADE SEXUAL NA SALA DE AULA

David Raphael da Silva Paredes ¹
Joseval dos Reis Miranda ²
Joanderson de Oliveira Gomes ³

RESUMO

Temáticas, debates e discussões envolvendo sexo, gênero e sexualidade, desde seus conceitos até seus papéis na formação identitária dos sujeitos em dados meios sociais, vêm sendo cada vez mais evidenciados, seja na *internet* - por meio do ativismo nas redes sociais, blogues ou *websites*, a título de exemplo - ou no campo acadêmico. Isso demonstra a urgência em refletir acerca de uma questão tão importante, que lida diretamente com a forma que os indivíduos experimentam e enxergam o mundo, bem como descobrem o outro ao mesmo passo que descobrem a si, seus objetivos, medos e perspectivas. Por isso, no presente focamos em salientar a relevância do papel da literatura infantil como ferramenta de transformação social no que tange a tomada de conhecimento a respeito da empatia e respeito a acerca das divergências sexuais presentes na sociedade. Para isso, estudos de pesquisadores do campo da educação sexual Carvalho, Andrade, Menezes e Junqueira (2009), Nunes (2005), Baliscai (2020), Bickmore, (1999); e, no campo dos estudos literários Cândido (1977), Barros (2013); Cosson (2018); Coelho (1997) foram usados como arcabouço teórico para embasar o nosso estudo. Como objeto de pesquisa, o texto literário selecionado foi “Minhas Duas Avós”, escrito por Ana Teixeira (2017). Os resultados apontam o poder do texto literário no que tange a tomada de conhecimento a respeito de outras realidades, contextos e vivências, visto que ele pode servir como um ótimo meio para o levantamento de reflexões a respeito de pautas sociais tão relevantes, principalmente nos dias de hoje.

Palavras-chave: Literatura Infantil, Diversidade Sexual, Letramento Literário.

INTRODUÇÃO

Partindo de pressupostos teóricos, é de comum ocorrência — especialmente por parte de documentos oficiais que tratam das questões educacionais e seus derivados, como a BNCC⁴ — a atribuição do espaço escolar como local basilar para a construção de noções referentes à

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Letras-Língua Inglesa da Universidade Federal da Paraíba, d.raphael-silva1@gmail.com;

² Doutor em Educação, professor da Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação, Departamento de Metodologia da Educação. josevalmiranda@yahoo.com.br;

³ Mestre em Educação e Pedagogo pela Universidade Federal da Paraíba, joandersonoliveira@hotmail.com.

⁴ Segundo o MEC, A Base Nacional Comum Curricular é um “documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BRASIL, 2018, p. 7). Dentre as dez competências gerais da educação básica, por exemplo, a BNCC aponta como necessários a valorização da diversidade de saberes e vivências culturais; o exercício da empatia, do diálogo, do respeito e da cooperação na resolução de conflitos; e o acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, juntamente com suas identidades e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

democracia, respeito e igualdade, essenciais para a tomada de uma vida social saudável e pautada na aceitação da pluralidade como traço inerente ao ser humano, não o contrário. Tal visão é precisamente construída a partir da principal característica da escola: a de proporcionar o contato cotidiano com diferentes contextos, culturas e vivências.

Porém, por mais marcante que esse traço do ambiente escolar seja, ele ainda não é suficiente para suprir as demandas destinadas à escola e seu papel de integração dos/as indivíduos/as ao mundo social. Na verdade, um dos grandes desafios enfrentados por essas instituições é o de proporcionar um espaço que, de maneira natural e eficaz, auxilie na construção de uma educação inclusiva e humanitária, onde o compartilhamento mútuo de diferenças e o respeito à diversidade de identidades sexuais, de gênero, culturais e geracionais seja parte constante do processo de ensino-aprendizagem. (CARVALHO, ANDRADE, MENEZES, 2009).

Nessa perspectiva, urge à instituição escolar — e, de maneira análoga, ao corpo docente que nela atua — a busca e adoção de métodos que possibilitem ao processo educacional a tomada de seu papel transformador e transgressor por meio de uma pedagogia que, ao invés de ajudar a perpetuar a discriminação sistemática de certos grupos, contribua para reconhecer as individualidades de cada sujeito, bem como suas respectivas maneiras de viver a vida de maneira espontânea, despreocupada e segura, direito este assegurado por lei para qualquer ser humano.

O presente artigo procura evidenciar o papel do texto literário como um importante aliado no que concerne a uma educação escolar não discriminatória, dado que ele “pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou a negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual” (CÂNDIDO, 1977, p. 186).

No que concerne a esse estudo em específico, nosso foco será voltado para o âmbito da educação infantil e sua literatura. A esse respeito, Barros (2013, p. 18) escreve que “a literatura infantil surge com caráter pedagógico, ao transmitir valores e normas da sociedade para instruir e de formar o caráter da criança, uma formação humanística, cívica, espiritual, ética e intelectual”. Sendo assim, se considerarmos os apontamentos de Cândido (1977) e Barros (2013), podemos inferir que o uso da literatura - tanto a geral como a infantil, em específico - como um instrumento de transformação social acaba por ser uma ótima alternativa para suscitar novos olhares a questões e pautas urgentes na luta pela democracia, respeito e igualdade, especialmente quando tratamos de crianças com pouca idade, visto que quanto mais prévio for o contato com determinados assuntos, mais fácil torna-se a assimilação destes.

Como objeto de análise, foi escolhido o *picture book* (tipo de livro ilustrado que focaliza tanto - ou mais - no campo imagético quanto no texto escrito) “Minhas Duas Avós”, de Ana Teixeira (2017). O livro, que trata da relação amorosa entre duas mulheres idosas e avós, aborda questões relacionadas à normalização da(s) identidade(s) sexual(is) e suas plurais manifestações em indivíduos/as marginalizados/as em decorrência dela(s).

O artigo foi dividido em uma seção introdutória, que contextualiza o leitor acerca da temática percorrida no corpo do trabalho; Logo em seguida trazemos as considerações metodológicas, em que foi explanado o caminho traçado pelos pesquisadores visando a conclusão do estudo; nos referenciais teóricos, que aborda os conceitos norteadores sobre a temática aqui tratada, deixando o leitor a par do raciocínio seguido pelos autores. Prosseguindo mencionamos a análise do objeto de estudos - que sugere uma sequência de etapas elaboradas por Cosson (2006) para ajudar o professor a trabalhar o livro de maneira eficaz em sala de aula - e possíveis resultados acerca da proposta de uso do texto literário estudado; e, por fim, as conclusões finais a respeito do que foi percorrido no corpo de toda a pesquisa.

METODOLOGIA

Em relação à metodologia do estudo, achamos importante frisar que se trata de uma pesquisa de cunho bibliográfico. Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 128), este tipo de pesquisa é concebida a partir de materiais já publicados. Ou seja, a investigação referente ao tema aqui analisado se dará tão somente por meio de livros e artigos científicos previamente elaborados.

Para mais, Gil (2008, p. 50) delinea algumas possíveis vantagens que podem acompanhar uma pesquisa bibliográfica, onde a principal "reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente". Acreditamos que tal amplitude de material teórico contribuirá de maneira fundamental para este estudo, já que há de permitir a presença de múltiplos pontos de vista, enriquecendo, assim, as discussões que serão ocasionadas.

Tudo se desenvolverá a partir de reflexões acerca da temática exposta na seção introdutória do projeto, bem como do cumprimento das seguintes etapas: a) Leitura da obra literária utilizada para a realização da pesquisa, direcionando um foco especial para a questão da diversidade sexual e em como abordá-la em sala de aula; b) Levantamento e leitura do referencial teórico relacionado à pesquisa; c) Obtenção de dados referentes à proposta do artigo e seus objetivos; d) Redação dos capítulos teóricos, onde ocorrerá a explanação dos dados obtidos,

bem como o estabelecimento de relações entre eles e as informações adquiridas através da leitura do material teórico; e) Elaboração de uma proposta para se trabalhar o livro “Minhas Duas Avós” considerando a sequência básica de Cosson (2006), juntamente com a apresentação de imagens retiradas do livro para uma melhor elucidação

No que corresponde à natureza, esta pesquisa se caracteriza como qualitativa, uma vez que nós, no papel de pesquisadores, visamos compreender fenômenos sociais bem contextualizados por meio da interpretação destes, lançando sentidos ao que percebemos por estarmos diretamente inseridos no meio de investigação. No mais, a descoberta, o entendimento e a descrição de certos acontecimentos que se originam da relação dos/as indivíduos/as entre si e o meio em que estão inseridos/as são características correntes deste estudo, o que acaba por reforçar, mais uma vez, sua natureza de cunho qualitativo.

Por fim, pensando sobre o objetivo, classificamos a pesquisa como sendo descritivo-explicativa, dado que nosso intuito é expor os principais aspectos dos fenômenos abordados neste estudo, para então tentar identificar, de maneira aprofundada, as possíveis causas do por que eles acontecem.

REFERENCIAL TEÓRICO

Primeiramente, julgamos importante pontuar as principais diferenças que caracterizam os conceitos de sexo, gênero e sexualidade. Para isso, usaremos como principal referência o glossário sobre gênero e diversidade sexual elaborado por Carvalho, Andrade e Junqueira (2009).

Sobre sexo, a autora e os autores afirmam que “designa a caracterização anatômica e fisiológica de seres vivos, entre eles os seres humanos - macho, fêmea, intersexo [...] além da atividade sexual propriamente dita” (CARVALHO; ANDRADE; JUNQUEIRA, 2009, p. 40). No entanto, chamam atenção para que o significado dado às características sexuais dos/as indivíduos/as é culturalmente construído, uma vez que não existem corpos livres do investimento e expectativas sociais.

Gênero é definido no glossário (CARVALHO; ANDRADE; JUNQUEIRA, 2009) a partir da perspectiva de nossa cultura e sociedade, caracterizada como androcêntrica e patriarcal, respectivamente - e isso, de antemão, já infere o caráter de construto histórico-cultural acerca do gênero, cujo significado pode variar consoante o meio em que ele é analisado. Nesse panorama, Carvalho, Andrade e Junqueira (2009) o designam como:

[...] uma estrutura de dominação simbólica, materializada na organização social e nos corpos, resultante de um processo de construção sociocultural com base nas diferenças sexuais percebidas. Implica relação (masculino x feminino), dicotomia, assimetria, desigualdade, polarização e hierarquia. Determina identidades, qualidades e valores desigualmente atribuídos a homens e mulheres, a práticas sociais e a objetos culturais. (CARVALHO; ANDRADE; JUNQUEIRA, 2009, p. 18).

Nessa conjuntura, o gênero, em nossa sociedade, pode ser interpretado como uma relação de poder, em que a figura e os princípios masculinos são tomados como parâmetros universais, conforme Foucault (2015) esse poder está em toda parte, perpassando a todos/as, não sendo uma instituição ou uma estrutura, mas, uma situação estratégica presente em todos os espaços que afeta e afetado através das relações humanas. A autora e os autores também pontuam que, no campo individual, o gênero equivale a jeitos de ser e/ou parecer; já no social, ele constitui uma estrutura de dominação masculina, e que os valores atribuídos a cada gênero se vinculam a um modelo de sociedade alicerçado no binarismo masculino/feminino, do qual os papéis sociais são pensados e difundidos desde a mais tenra idade.

Em uma sociedade patriarcal, o gênero feminino, bem como o que ele representa, sempre será colocado em um papel inferior, se comparado com o masculino. Além disso, em muitos casos, tais diferenças são tidas como inatas ao ser humano. Há um certo determinismo biológico que tenta justificar a predominância do papel masculino e mascarar o caráter de produto socialmente construído que compõe o conceito de gênero.

Agora, partindo para a sexualidade, Carvalho, Andrade e Junqueira (2009, p. 41) apontam que ela “define-se como expressão de desejos e prazeres. Envolve preferências, predisposições e experiências físicas e comportamentais, orientadas a sujeitos do sexo oposto, do mesmo sexo ou de ambos os sexos”. A sexualidade também compreende várias dimensões; fazem parte dela o sexo e o gênero. Ela é uma dimensão humana que perpassa todas as esferas de nossas vidas, seja familiar, religiosa, escolar, etc., e suas qualidades - bem como as significações - são produtos históricos e mutáveis.

Nessa mesma direção, Nunes (2005) elucida que a sexualidade humana, na verdade, não está sujeita ao determinismo animal/biológico que lhe é geralmente atribuído. Logo, ao invés de ser restrita apenas ao mundo natural, ela é uma esfera que passa pela dimensão social e cultural na qual os/as indivíduos/as estão inseridos/as, desse modo, a sexualidade humana não nos é inata, mas ensinada. Somos o tempo todo direcionados/as a como devemos nos portar, e o que compete a figura masculina e feminina. Os mais diversos espaços de sociabilidade no qual os/as indivíduos/as transitam delineiam essas nuances e convidam os corpos a entrarem dentro desse molde.

No que tange ao gênero, ele refere-se aos papéis sociais que as pessoas desenvolvem (em que o “ser homem” e o “ser mulher” são criações da vida social); e a sexualidade é uma marca humana, que abarca os dois conceitos anteriores, bem como as identidades sexuais (homossexual, heterossexual, bissexual, pansexual, etc.) e de gênero (homem, mulher, não-binário, agênero etc.). Dessa maneira, podemos concluir que um não depende inteiramente do outro. Uma pessoa pode ter o sexo masculino, mas identifica-se como feminino (identidade de gênero) e ter interesses amorosos e sexuais por mulheres (identidade sexual), por exemplo.

Louro (2018, p. 18, *apud* Baliscei 2020, p. 3), no entanto, pontua que essa dissociação não é evidenciada em nossas instâncias sociais e culturais. Na verdade, devido às inúmeras tentativas de disciplinar, conter, punir e ajustar os/as sujeitos/as, há uma tendência de valorizar o cumprimento de uma sequência sexo-gênero-sexualidade pré-determinada, e a essa sequência é atribuída a posição de “normal/natural”. Segundo essa lógica, o encadeamento correto a ser seguido seria o de que, se uma indivíduo nasce com genitais femininos, logo seu gênero seria mulher, e, conseqüentemente, sua identidade sexual seria heterossexual (podendo apenas relacionar-se com homens, que pertencem ao “sexo oposto”). Logo, aqueles/as que não seguem essa lógica imposta são invalidados/as, tendo que, na maioria das vezes, adaptar-se a uma disciplina inibidora para não sofrerem com o escaneamento e a hostilização advindos da quebra de regras vistas como inerentes à natureza humana - e não como meios para se ter controle sobre o outro, suas vivências e suas histórias. Daí surge a necessidade de romper com tais concepções, que terminam por impedir a integração social plena dos sujeitos que fogem do “comum” apenas por exercerem - ou tentarem exercer - seus papéis sociais e sexualidade de uma maneira que não levante tanto alarde, ou seja, tida como repreensível.

Nessa ótica, Bickmore (1999, p. 15) afirma que “um dos locais mais importantes para fomentar discussões a respeito de sexualidade é na educação fundamental”, visto que as escolas se configuram como um lugar onde as identidades de jovens crianças começam a ser formadas. Além disso, a questão da sexualidade está presente nas vidas dessas crianças em todas as esferas imagináveis. Portanto, não é como se elas, ao passarem pelo portão da escola, deixassem-na de fora, dado que a sexualidade é parte basilar de sua formação como sujeitos/as donos/as de sua própria história. O professor, ao abordar tal temática em suas aulas, estará, então, contribuindo para que os/as alunos/as conheçam os/as outros/as e, mais importante, conheçam a si, facilitando a aceitação de outras formas de existência e expressões identitárias que vão além do padrão esperado pelo âmbito social.

Dentre as várias ferramentas que possibilitam a discussão a respeito da sexualidade e suas identidades na sala de aula, uma que pode demonstrar bastante utilidade é o texto literário.

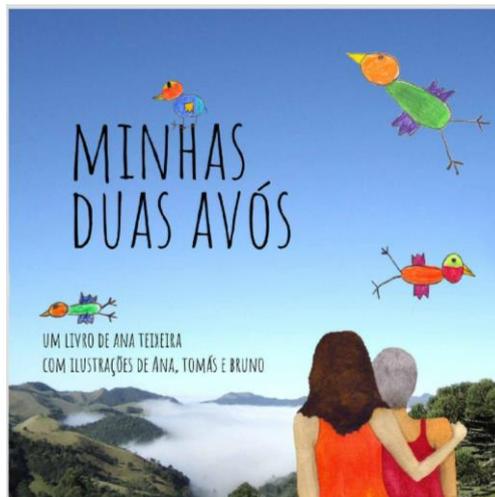
Cosson (2018), em seu livro “Letramento literário: teoria e prática”, apresenta o papel da literatura na formação social dos/as alunos/as através do conceito de letramento literário, o qual ele caracteriza como uma ferramenta eficaz para a compreensão de mundo, pois ele é tido como “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos”. (COSSON, 2018, p.67). Compreendemos, portanto, a importância do texto literário no processo de ensino-aprendizagem, já que sua capacidade de tocar em temáticas que interagem e influenciam de forma direta com o mundo social pode ser basilar para promover a formação de um/a indivíduo/a capaz de compreender o mundo a sua volta, os seres que nele habitam e suas respectivas maneiras de experimentar a vida, sejam elas aceitas pela norma social ou não (como pessoas cujos comportamentos e identidade(s) sexual(is) diferem daquilo que lhes foi imposto).

Por meio dessa perspectiva, é natural inferir que a literatura seja de grande valia, especialmente para aqueles/as que ainda estão no processo de construção de sentidos e significados que fazem parte do processo formativo das crianças. Coelho (1997), ao discorrer a respeito da literatura infanto-juvenil, aponta que esta pode conseguir conciliar, de maneira mais evidente, dois aspectos importantes do texto literário: o prazer, diversão e fruição; e o ensinamento de novos modos de viver, pensar, agir e ver o mundo. Ou seja, ao fazer uso desse tipo de literatura na sala de aula, o professor pode suscitar a reflexão de temáticas socialmente relevantes ao mesmo que tempo que engaja seus/suas alunos/as em uma atividade dinâmica e prazerosa, trazendo uma nova roupagem mais lúdica ao processo de ensino-aprendizagem e contribuindo para a formação de leitores/as ativos/as e antenados/as na luta por inclusão, respeito e direitos daqueles/as que vivem na margem social em decorrência de equívocos e preconceitos.

ANÁLISE E (POSSÍVEIS) RESULTADOS

A obra escolhida como objeto de análise para o nosso artigo foi o livro de literatura infantil “Minhas Duas Avós”, escrito por Ana Teixeira e ilustrado por ela e seus dois netos, Thomás e Bruno. Por se tratar de um *picture book*, há uma evidente predominância de imagens e ilustrações no corpo da história, se comparado ao material escrito que a compõe. O livro, narrado pela perspectiva de uma criança (o neto), fala sobre a vida de duas mulheres idosas e avós que vivem juntas (suas avós). Ao invés de se referir a elas por seus nomes, ele as identifica pelos traços de seus cabelos; uma avó é a que tem cabelo curto e cinza, e a outra é a que tem cabelo marrom e encaracolado. Tais características, bem como as ilustrações feitas pelos netos de Ana Teixeira, já se fazem presente na capa do livro, como mostra a figura a seguir:

Figura 1: Capa do livro “Minhas Duas Avós”



Fonte: Teixeira (2017)

O livro traz um enfoque especial para a maneira como ambas possuem hábitos e perspectivas diferentes em relação a determinadas questões, como a alimentação e organização da casa. Em entrevista ao programa Manhã Total, disponível no canal da TV Parnaíba por meio da plataforma *YouTube*⁵, a autora comenta que seu intuito foi deixar nítido que a diferença maior não está no fato das personagens serem casadas, mas em nossas ações corriqueiras, que não dependem da identidade sexual.

A respeito do uso prático da literatura no espaço escolar, Rildo Cosson (2018) sugere a adoção de uma “sequência básica” para a leitura do texto. Essa sequência consiste em alguns passos que auxiliam o/a professor/a na hora de trabalhar o texto literário com seus/suas alunos/as de maneira bem-sucedida. São eles: a motivação, a introdução, a leitura e a interpretação.

A primeira etapa, motivação, corresponde a preparar o/a aluno/a para adentrar o universo do livro a ser lido mediante atividades que os motivem para a leitura. Visto que o texto trata principalmente da questão da aceitação das diferenças de cada ser humano como algo natural, uma forma de fazer com que os/as alunos/as reflitam a respeito disso seria elaborar algo que dialogue com a questão da pluralidade inerente a cada um/a. O/a professor/a, portanto, poderia sugerir que os/as alunos/as se dividissem em pares e olhassem um/a para o/a outro/a, atentando-se às diferenças que ambos possuem em relação ao/a outro/a; em seguida, os/as alunos/as poderiam, em uma folha de papel, fazer um desenho do/a colega que foi observado/a e destacar duas diferenças que este/a possui em relação ao que está desenhando, assim como, duas diferenças que quem está desenhando tem em comparação com quem está sendo dese-

⁵ Link para acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=X6fHhdR0qAk>

nhado - o que ajudaria a exercitar não só o conhecimento em relação ao outro, mas o conhecimento em relação a si. Ao finalizarem o desenho, o/a professor/a poderia levantar a seguinte pergunta: “Ao notar essas diferenças, vocês acham que elas mudaram a forma que você enxerga seu colega?”. Essa seria uma boa maneira de fazer as crianças refletirem, de antemão, a respeito da não-homogeneidade do espaço social e em como as diferenças não necessariamente interferem - de maneira negativa - no relacionamento interpessoal, motivando-os na leitura que aborda essa mesma temática.

Na segunda etapa, introdução, Cosson (2018) aponta a importância de contextualizar o/a aluno/a em relação ao autor e a obra, pois na compreensão dos/as alunos/as para questões externas ao texto literário. Ao apresentar a obra, por exemplo, o/a professor/a pode levantar questões a respeito dos elementos da capa e perguntar aos/as estudantes a respeito do que eles/as veem, onde eles/as acham que é, qual o palpite deles/as a respeito do que conta a história, etc. Nesse momento, a atenção poderia ser voltada à conciliação entre elementos imagéticos extraídos da realidade e do imaginário dos netos da autora. A paisagem da capa, por exemplo, advém da fotografia de um lugar real; já os pássaros voando sobre ela, bem como a figura de ambas as avós contemplando-a são claramente ilustrações desenhadas por crianças. O professor poderia perguntar às crianças o que elas veem de “estranho” na imagem e, em seguida, apontar para que, mesmo os passarinhos sendo diferentes do que é esperado, eles ainda são capazes de voar e viver no mesmo ambiente que os pássaros normais. De maneira ainda implícita, o/a docente já estaria pontuando para os/as alunos/as que a aparência e o modo de ser de alguém não estão relacionados diretamente às suas capacidades de lidar com o mundo.

O terceiro passo do esquema elaborado por Cosson (2018) seria a leitura em si do livro, e é nesse momento que o/a professor/a age como mediador/a, definindo pausas para responder a possíveis dúvidas que os alunos/as apresentem ou ajudá-los/as se alguma dificuldade no momento de leitura surja. E isso se dá porque, para o autor, a leitura escolar necessita de acompanhamento e direcionamento.

Por fim, a quarta etapa, segundo Cosson (2018), seria a interpretação, onde os/as discentes podem livremente expressar suas opiniões a respeito do texto lido. Após ouvir e dialogar com os/as alunos/as, o/a professor/a pode se aproveitar dessa etapa para retornar a pontos específicos do texto e promover a reflexão sobre aspectos que podem ter passado despercebidos durante a leitura inicial e possibilitam o encaminhamento para uma discussão a respeito da mensagem - ou de uma das mensagens - final do livro.

Nesse caso, como o artigo trata de como abordar a presença de diferentes identidades sexuais na literatura infantil, com o intuito de contribuir para a normalização de outras formas

de experimentar o mundo, o/a docente poderia elaborar perguntas que encaminhassem para a criação de um momento de discussão a respeito dessa temática. Como mencionado anteriormente, tais perguntas podem ser feitas ao voltar para pontos específicos da narrativa, como os seguintes:

Figura 2: Início da história⁶



Fonte: Teixeira (2017)

Figura 3: Diferenças de comportamento⁷



Fonte: Teixeira (2017)

As páginas mostradas nas figuras, escolhidas a título de exemplo, explanam um pouco sobre a vida cotidiana do casal de avós. Nelas, o narrador mostra os hábitos diários e manias das personagens. O/a professor/a pode perguntar se os/as alunos/as, ou alguém que eles/as conhecem, fazem as mesmas coisas que elas. Em seguida, ao ouvir os/as alunos/as, é possível

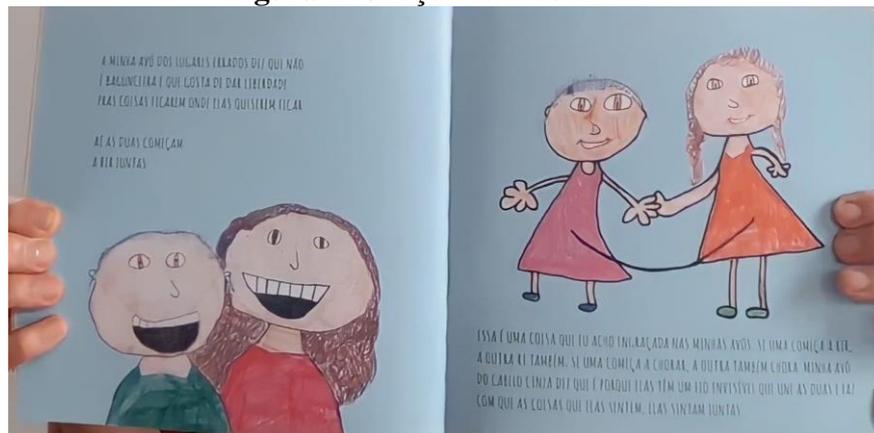
⁶ Transcrição: “Eu tenho duas avós que moram na mesma casa, dormem na mesma cama, cozinham juntas, leem juntas, veem filmes juntas, e juntas regam as plantas”

⁷ Transcrição: “A minha avó do lugar certo inventou que existe um lugar para as roupas de dormir, e outros para as roupas de sair, mas a minha avó dos lugares errados vive colocando os pijamas com as calças jeans e as camisolas com as camisetas. Para ela, tudo numa casa pode ser transformado em cabide: cadeiras, sofá, banquinhos, estantes e até o abajur”

salientar que por mais que as avós pareçam “diferentes”, também possuem necessidades comuns a todos nós, como dormir, ler, ver filmes, arrumar a casa, serem organizadas ou bagunceiras, dentre muitas outras características. Essa é uma forma de começar o processo de desmistificação acerca dos comportamentos de pessoas que destoam de padrões pré-estabelecidos.

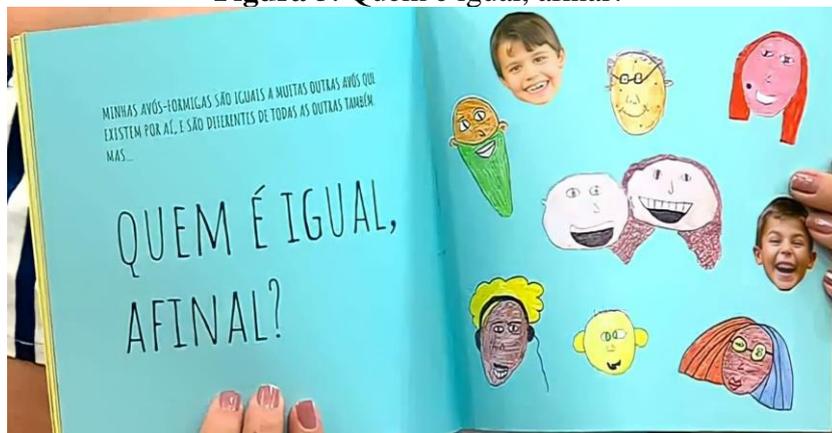
Os momentos finais da narrativa também são importantes para que a mensagem acerca da questão da normatização das diferentes sexualidades seja passada.

Figura 4: O laço das avós⁸



Fonte: Teixeira (2017)

Figura 5: Quem é igual, afinal?⁹



Fonte: Teixeira (2017)

⁸ Transcrição: “Minha avó dos lugares errados diz que não é bagunceira e que gosta de dar liberdade para as coisas ficarem onde elas quiserem ficar. Aí, as duas começam a rir juntas. Essa é uma coisa que eu acho engraçada das minhas avós: se uma começar a rir, a outra ri também. Se uma começar a chorar, a outra também chora. Minha avó do cabelo cinza diz que é porque elas têm um fio invisível que une as duas e faz com que as coisas que elas sentem, elas sintam juntas”

⁹ Transcrição: “Minhas avós formigas são iguais a muitas outras avós que existem por aí, e são diferentes de todas as outras também. Mas... quem é igual afinal?”

Na figura 5, a autora mostra o laço - que, na ilustração, aparece de maneira literal - que ambas as avós possuem, apesar de serem tão diferentes umas das outras. Já na figura 6, que é também onde acaba a narrativa, a questão da diferença é explicitamente colocada. O/a professor/a pode mostrar que, apesar de não serem iguais, as personagens se completam e amam uma à outra, a ponto de constituírem uma família juntas; e esse amor é tão forte que não as impede de serem felizes, assim como acontece com muitas pessoas na realidade, e não tem nada de errado nisso, afinal, o sentimento de cuidar de pessoas importantes para nós é o que importa.

Por fim, pode ser dito às crianças que, ao notarem que algum/a colega ou outra pessoa é diferente, ao invés de temê-los/as ou sentir raiva, o melhor caminho é pensar que eles/as, assim como as avós, têm sentimentos, ficam tristes, e amam igual a nós. Esse exercício de empatia pode ser a porta de entrada para o início da noção de respeito e aceitação do/a outro/a.

CONCLUSÕES FINAIS

Como conclusão, fica evidente o poder do texto literário no que diz respeito a tomada de conhecimento a respeito de outras realidades, contextos e vivências, visto que ele pode servir como um ótimo meio para o levantamento de reflexões a respeito de pautas sociais tão relevantes, principalmente atualmente.

Com a realização da proposta aqui sugerida - e lembrando que, como sugestões, tudo o que foi proposto neste estudo não necessariamente se configura como regra, podendo ser adaptado segundo o contexto de cada professor/a e alunos/a -, é possível esperar que os/as alunos/as comecem a entender noções de empatia e respeito para com o/a outro/a, o que pode ocasionar, aos poucos, na quebra dos preconceitos e ideias equivocadas que o meio social nos impõe constantemente a respeito de pessoas que querem viver sua sexualidade de maneira livre e feliz.

Assim sendo, o uso da literatura como ferramenta pedagógica para imitar a vida e assim apresentar aos/as estudantes, modos outros de arranjos familiares, fomenta a discussão e reflexão sobre questões que, via de regra, tendem a ser tratadas como tabus no espaço social que estamos inseridos. Promover trabalhos dessa conjuntura dentro do âmbito educativo é oportunizar uma efetiva inclusão social a todos/as.

REFERÊNCIAS

BALISCEI, João Paulo. Abordagem histórica e artística do uso das cores Azul e Rosa como pedagogias de gênero e sexualidade. **Revista Teias**. v. 21 ago. 2020, Edição Especial, p. 223-244. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/46113>. Acesso em 24 abr. 2023.

BARROS, Paula Rúbia Peloso Duarte. **A contribuição da literatura infantil no processo de aquisição da leitura**. 53 p. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium Lins, 2013.

BICKMORE, Kathy. *Why Discuss Sexuality in Elementary School?* In: Letts, William J; Sears, James T. (orgs). **Queering Elementary Education: Advancing the dialogue about sexuality and schooling**. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, Inc, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. ANDRADE, Fernando César Bezerra de; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Gênero e Diversidade Sexual: Um glossário**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2009.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; ANDRADE, Fernando César Bezerra de; MENEZES, Cristiane Souza de. **Equidade de Gênero e Diversidade Sexual na Escola: Por uma prática pedagógica inclusiva**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2009.

COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1997.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: Teoria e Prática**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Paz e Terra, 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2008.

NUNES, César Aparecido. **Desvelando a sexualidade**. 7. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2013.

TEIXEIRA, Ana. **Minhas Duas Avós**. 1. ed. São Paulo: Jandaíra, 2017.